



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE MIRACEMA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

MARIA NILZA RODRIGUES DA SILVA

**A ESCRIVÊNCIA COMO UMA FORMA DE REEXISTIR:
UMA HISTÓRIA ENCARNADA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

Miracema do Tocantins, TO

2021

Maria Nilza Rodrigues da Silva

**A Escrivência Como Uma Forma De Reexistir:
Uma História Encarnada De Violência Doméstica**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema, Curso de Psicologia, para obtenção do título de Bacharel em Psicologia e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Profª Drª. Kenia Soares Maia

Miracema do Tocantins, TO

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S586e Silva, Maria Nilza Rodrigues Da.
A Escrivência Como Uma Forma De Reexistir: Uma História Encarnada De Violência Doméstica . / Maria Nilza Rodrigues Da Silva. – Miracema, TO, 2021.
36f

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Psicologia, 2021.
Orientadora : Kenia Soares Maia

1. Violência Doméstica. 2. Escrivências. 3. CREPOP. 4. Psicologia. I. Título

CDD 150

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MARIA NILZA RODRIGUES DA SILVA

A ESCRIVIVÊNCIA COMO UMA FORMA DE REEXISTIR:
UMA HISTÓRIA ENCARNADA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema, Curso de Psicologia foi avaliado para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 14/02/2022

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Kênia Soares Maia, UFT

Profa. Dra. Cristina Vianna Moreira dos Santos, UFT

Profa. Dra. Carolina Souza Pedreira, UFT

AGRADECIMENTOS

A Deus por me conceder a vida e por manter-me determinada em continuar buscando e lutando o que almejo conquistar.

Aos meus pais, eterno Pompeu Rodrigues (*In Memoriam*) e Ambrosina, pelos ensinamentos e dedicação durante toda minha vida, incentivando aos estudos mesmo não tendo estudo souberam muito bem educar e ensinar seus 17 filhos, ensinando a trilhar o caminho do bem.

À minha família pela força, aos meus dois filhos, Deison Rodrigues e Deyse Vitória, minhas maravilhas que são peça fundamental pela continuação dessa trajetória, nós passamos juntos filhos!

As minhas irmãs, Maria Helena, Maria Aparecida, por serem exemplos de mulheres, me apoiando e motivando a continuar, por serem fortes, guerreiras e que assim como eu, luta todos os dias para conquistar e alcançar seus objetivos.

Ao meu chefe(2014/2016) Jocel Santiago de Araújo, que sempre me incentivou aos estudos juntamente com minha Irmã Ivanete Rodrigues da Silva (Íris Silva), por ter me motivada a retornar aos estudos, que mesmo tendo que me dedicar aos meus dois filhos sozinha, ainda assim poderia buscar e conseguir vencer, e cá estou.

Ao corpo docente do curso de Psicologia da Universidade Federal do Tocantins/Câmpus de Miracema, que muito contribuiu para minha formação com o olhar crítico e através da teoria pude aprender melhor sobre a profissão e a vida, aos colegas de curso, que muito contribuíram com as trocas de experiências e conhecimentos. Aos amigos que fazem nossa jornada mais divertida e serena.

As colegas de orientação, Victória Antunes, Amanda, Larissa, por nossa rede de apoio e suporte, montada durante os dois períodos de orientação e construção de TCC. À professora doutora Kênia Soares Maia, pela orientação e pela confiança depositada em mim. Agora sim, esse é um momento para comemarmos.

Dedico este trabalho a todas as mulheres, em especial as mulheres negras que lutaram e lutam por uma vida sem violência, e o direito a existir no meio social com seus direitos assegurados e defendidos.

RESUMO

O presente trabalho é um relato de experiência de violência doméstica contra mulher, que conta através da ficção, pelo método de escrevivência, a história de quatro mulheres misturadas à história da autora do presente trabalho. Seus objetivos foram estudar como a psicologia pode contribuir no suporte às mulheres vítimas de violência doméstica, pesquisar um modo de construção de narrativa que potencialize as formas de reexistir da experiência de violência doméstica é; estudar as orientações do Conselho Federal de Psicologia na atenção às mulheres em situação de violência doméstica. Portanto, foi possível perceber que o índice de violência doméstica ainda é alarmante e as redes de proteção e apoio ainda sofrem pela falta de contribuição por parte das políticas públicas, ficando assim impossibilitado que alguns municípios tenham esse suporte e olhar voltados a esses atendimentos. Trouxemos os diferentes tipos de violência para melhor contextualizar através da lei de nº 11.340, Lei Maria da Penha. A psicologia tem um papel fundamental e importante nesse processo de atendimento e acompanhamento, pois mesmo através das políticas públicas de assistencialismo relatando o papel e o que deve ser feito, podemos perceber que ainda é um desafio muito grande para esses profissionais, relatando a falta de capacitação destes, as ferramentas necessárias para o enfrentamento à essas demandas.

Palavras-chaves: Violência Doméstica. Escrevivências. CREPOP.

ABSTRACT

The present work is a report of the experience of domestic violence against women. It tells through fiction through the writing method, the story of four women mixed with the story of the author of the present work. Its objectives were to study how psychology can contribute to support women victims of domestic violence, to research a way of constructing a narrative that enhances ways of re-existing the experience of domestic violence, to study the guidelines of the Federal Council of Psychology in caring for women in domestic violence situation. Therefore, it was possible to see that the rate of domestic violence is still alarming and that the protection and support networks still suffer from the lack of contribution from public policies, making it impossible for some municipalities to have this support and to look towards these services. We brought the different types of violence to better contextualize them through law nº 11.340, Lei Maria da Penha. Psychology has a fundamental and important role in this care and monitoring process, even through public welfare policies reporting the role and what should be done, we can see that it is still a very big challenge for these professionals, reporting the lack of training professionals, the tools needed to face these demands.

Keywords: Domestic Violence. Writings. CREPOP.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	OS DIFERENTES TIPOS DE VIOLÊNCIA E AS POLÍTICAS DE ASSISTÊNCIA ÀS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	10
3	ESCREVIVÊNCIAS NA PERSPECTIVA DE CONCEIÇÃO EVARISTO	16
4	ESCREVIVENDO COM CARMEM.....	21
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
	REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um país violento em relação às mulheres. Segundo a pesquisa do Instituto DataSenado (Senado, 2021), em parceria com o Observatório da Mulher Contra a Violência, realizada entre os meses de outubro e novembro de 2021, com uma amostra de três mil (3.000) mulheres entrevistadas por telefone, para 71% das entrevistadas, o país vivencia um machismo extremo. Entre os dados divulgados podemos observar que 68% das entrevistadas conhecem uma ou mais mulheres vítimas de violência doméstica ou familiar, e 27% declaram já ter sofrido algum tipo de agressão por um homem. De acordo com a pesquisa, 18% das mulheres agredidas por homens convivem com o seu agressor e para 75% das entrevistadas, o que dificulta a denúncia é o sentimento de medo. O estudo demonstra ainda, que 100% das vítimas que foram agredidas por namorados e 79% por maridos, sofreram a violência após terminarem a relação. Segundo o Atlas da Violência de 2021 (Cerqueira, 2021), há um recorte de raça nos índices de violência contra a mulher, sendo que, no ano de 2019, 66% das mulheres assassinadas no país eram negras, além da probabilidade dessas mulheres serem assassinadas é de 1,7 vezes maior que as mulheres brancas. Esses são dados recentes que representam a relevância deste trabalho.

O objetivo central, é provocar a reflexão e a importância da escrita de memórias como um caminho válido para nos ver no campo intelectual, e que o saber empírico também é saber e pode ser transformado como método de resistência para fortalecer a população negra na academia, fazendo com que possa ser possível transmitir sobre a relevância de se ver na escrita das suas próprias vivências com um aprofundamento legítimo para o processo emancipatório do sujeito.

É importante destacar que trouxemos a escrevivência como uma maneira de narrar o sofrimento da experiência de violência doméstica, e partir da narrativa, entender o processo de reexistir, assim como, obter recursos, através da psicologia, do manejo na atuação do acolhimento de situações de violência contra mulher, aprofundando os conhecimentos dos profissionais em psicologia diante dessa demanda.

Segundo Soares e Machado (2017), a escrevivência é afirmada como método de investigação e produção de conhecimento nas ciências humanas e sociais em particular no campo da psicologia social. Afirma-se que é possível resistir por meio da

literatura, reexistir. A voz sufocada e silenciada pode, através da escrevivência, ser um veículo de emancipação. “O corpo negro que há séculos vem sendo submetido a um apagamento constante, quando grita “Sou eu quem escreve!”, e faz questão de marcar o texto com seu corpo, marca-se no mundo, cria-se, liberta sua voz” (Melo e Godoy, 2017, p. 1289).

Esta monografia foi construída em duas etapas: a primeira foi uma pesquisa bibliográfica sobre violência contra a mulher, foi realizado leituras das orientações do Conselho Federal de Psicologia para intervenções nessa experiência, e um estudo de falas e textos sobre o método da Escrevivência de Conceição Evaristo. A segunda etapa do método foi a realização de uma pesquisa de três (3) vídeos na plataforma YOUTUBE, sobre a experiência de quatro mulheres que viveram este tipo de violência.

A pesquisa dos vídeos foi usada para compor uma história ficcional, que surge da união das experiências de mulheres, a fim de, a partir da escrevivência, transformar essas narrativas em uma única história, múltipla em sua constituição e singular enquanto narrativa de pesquisa. Essa proposta tem por hipótese, que a escrevivência pode ser um recurso para narrar e reexistir, afirmando a presença e as lutas de mulheres no campo social e existencial. A motivação deste trabalho parte da ideia de que, a partir da escuta de diferentes experiências em diversos contextos, possa contribuir e nortear com um novo olhar dessas mulheres se reconhecendo perante a sociedade e continuar a existir.

O trabalho tem como objetivo, compreender possibilidades de continuar existindo e lutando pelos direitos que foram violados ao longo da história, e o papel da psicologia, que nos espaços de atuação, é fundamental na assistência social e em outros espaços preparados para receber essas mulheres vítimas de violência doméstica.

Historicamente, a mulher leva consigo uma sobrecarga, despertada desde o contexto familiar, até as exigências da sociedade em geral, é ela que, quase sempre, dá conta das obrigações, dos cuidados da casa, dos filhos, do universo interior da vida cotidiana das relações de conjugalidade e maternagem.

Sabendo que a violência contra mulher é uma questão de violação de direitos, além de ser uma transgressão dos tratados internacionais, é importante destacar que o (a) profissional da psicologia tem muito a contribuir com essas mulheres, através da escuta qualificada e participação em políticas públicas.

O combate à violência contra a mulher tem sido preocupação fundamental dos movimentos sociais em vários países, destacando as lutas feministas em meados da década de 1970. No Brasil, após alguns assassinatos que tiveram maior visibilidade, o movimento de mulheres contra a violência doméstica e sexual procurou dismantlar a tese arraigada na cultura nacional que justificava a violência como legítima defesa da honra do homem. Essa tradição esteve presente (e ainda às vezes se manifesta) inclusive no Poder Judiciário, cujas decisões podem acabar inocentando os autores de violência pelo simples fato de se considerar a mulher uma provocadora da violência. (CREPOP, 2013, p. 35).

No primeiro capítulo deste trabalho apresentamos os diferentes tipos de violência e as políticas de assistência às mulheres em situação de violência doméstica. É importante destacar que, em alguns casos, a mulher já sofreu outros tipos de violência antes de chegar a violência física, veremos um pouco sobre isso na história de Carmem, essa violência pode ser consciente ou não. Apesar desta temática ter sido mais divulgada por meios midiáticos, há ainda pouco trabalho de conscientização e cuidado em relação à identificação das situações de violação e violência, voltados para a população feminina.

No segundo capítulo viemos falar do método escolhido para desenvolvimento deste trabalho, a Escrivência na perspectiva de Conceição Evaristo. No terceiro capítulo iremos contar a história fictícia cujo título é “Escrivendo com Carmem”. Para a construção da história de Carmem, foram usados quatro vídeos com histórias de mulheres que sofreram violência doméstica e que, juntamente com a história da autora, procurou-se contar o que Carmem viveu e quais foram os processos que passou até conseguir construir rumos diferentes e melhores em sua vida.

Essa escrivência não tem uma pretensão literária, de aspecto estético, mas corresponde a uma forma de narrar o sofrimento de mulheres que passaram ou passam pelo processo de violência doméstica, que renunciando ao lugar do artista, se apoia na arte como superfície de expressão, de enunciação coletiva.

2 OS DIFERENTES TIPOS DE VIOLÊNCIA E AS POLÍTICAS DE ASSISTÊNCIA ÀS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

No mundo em que vivemos, somos ensinados, na própria família, que os homens são seres mais fortes, agressivos e mais violentos que as mulheres e crescemos ouvindo e reproduzindo esses discursos em diferentes ambientes. Essas reproduções são reforçadas em meios de comunicação como: televisão, redes sociais, dentre outros.

Vimos comportamentos que são simplesmente naturalizados pela sociedade, nos quais os homens são extremamente controladores, exercem o papel de decidir o que é melhor para a mulher, até mesmo de controlar seus desejos, suas emoções, suas próprias vidas, tirando suas liberdades de fazer e viver o que deseja e o que gosta, por simplesmente terem esse poder em suas mãos.

Segundo pesquisa realizada pelo Datafolha encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) realizada no ano de 2021, uma em cada quatro mulheres foi vítima de algum tipo de violência durante a pandemia no Brasil. A referida pesquisa afirma que a violência nas ruas diminuiu, aumentando o índice em casa, sendo boa parte dessa violência sofrida por parte de pai, mãe, irmão, irmã, pessoas do convívio familiar.

É importante destacar que a idade dessas mulheres vítimas de violência doméstica, é a partir de 16 anos e sendo assim cerca de 17 milhões de mulheres (24,4%), sofreram violência física, psicológica ou sexual no último ano. Esta porcentagem representa estabilidade em relação a última pesquisa realizada no ano de 2019 quando 27,4% afirmaram ter sofrido algum tipo de agressão.

Comparando os dados da última pesquisa com a pesquisa atual, existiu um aumento do número de agressões dentro de casa, que passaram de 42% para 48,8%. Além disso, diminuíram as agressões na rua, que passaram de 29% para 19%, bem como cresceu a participação de companheiros, namorados e ex-parceiros nas agressões.

Diante dessas considerações é importante destacar que a violência doméstica não parte apenas de companheiro, mas acontece muito no âmbito familiar, caracterizando assim violência intrafamiliar.

Visando diminuir e assegurar os direitos às mulheres que sofriam e ainda hoje sofrem violência doméstica, foi sancionada no ano de 2006 a lei de número 11.340,

Lei Maria da Penha. Muitas mulheres que sofrem violência e não tinham a quem recorrer e muito menos algo que as pudesse proteger, tem hoje um suporte através da citada lei.

Portanto, cabe destacar que no Art.1º da Lei Maria da Penha, está descrito: cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

Sugiro: no artigo 7º da Lei 11.340/7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), são formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras:

no inciso I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

no inciso II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto-estima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

No inciso III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

no inciso IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

no inciso V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

Diante dos diferentes tipos de violência sofrida pelas mulheres, cabe aqui informar também, as medidas de proteção as mulheres vítimas de violência, essas medidas estão dentro da lei Maria da Penha. São elas:

Afastamento do Lar, o qual o agressor é obrigado a se afastar do lar, visando assim preservar a saúde física e psicológica da mulher, diminuindo os riscos iminente de agressão. Já que o agressor não mais estará dentro da própria casa que reside a vítima.

Proibido se aproximar da Mulher, esta medida tem comum objetivo com a medida que afasta o agressor do lar. Ao ficar proibido de se aproximar da vítimas, de seus parentes e das testemunhas, o agressor fica, em tese, incapacitado de agir contra qualquer um destes.

Proibido de frequentar os mesmos lugares, trata-se de mais uma medida protetiva para evitar o encontro da vítima e de seus familiares com o agressor. Os locais que são geralmente frequentados pela vítima e seus parentes devem ser proibidos para o agressor, buscando evitar confrontos, confusões, constrangimentos e escândalos públicos.

Proibido manter contato, fica proibido de manter qualquer tipo de contato com a mulher, com seus filhos e com testemunhas - até mesmo por diferentes meios de comunicação: como *Whatsapp* e *Facebook*.

Pensão Alimentícia Obrigatória, O agressor é obrigado a pagar pensão alimentícia para a vítima, o que auxilia mulheres que possuem dependência econômica com o agressor a buscarem reparação.

No Brasil, a década de 1970 é marcada por diversas iniciativas de assistência social às mulheres. Nessa época, surgem as primeiras delegacias especializadas, os serviços de atenção à mulher, as Organizações Não Governamentais (ONGs). Essas instituições começam a atender mulheres vítimas de violências que, anteriormente, eram recebidas apenas nos pronto-socorros ou delegacias. Nas décadas seguintes, diversas frentes na área de assistência social surgem para agregar esforços às primeiras iniciativas. Abrigos e juizados, entre outros locais, começam a servir de referência para essas mulheres como um espaço diferenciado: nem espaço de polícia, nem espaço de saúde. (CREPOP. Referências Técnicas para atuação de psicólogos(as) em Programas de Atenção à Mulher em Situação de Violência. Brasília, fevereiro/2013, 1ª Edição pg, 40)

Com o fortalecimento e debate de políticas públicas voltadas a assistências da mulher vítima de violência doméstica, muito se tem ganhado, uma vez que antes, as mulheres que sofriam esse tipo de violência não sabiam onde buscar ajuda, por simplesmente serem vedadas de falar de seus sofrimentos e terem que aguentar caladas as violações dos seus direitos, e também por não receberem suporte de nenhum dos lados, tanto familiar quanto judicial.

Os relatos indicam que os Serviços de Atenção à Mulher em Situação de Violência estão em fase de implantação em algumas regiões e de crescimento e fortalecimento em outras. As (os) participantes reconhecem que a promulgação da Lei Maria da Penha e a publicação do Pacto Nacional de Enfrentamento da Violência Contra a Mulher são políticas que demonstram uma posição clara de enfrentamento da violência contra a mulher por parte do Estado. Os municípios estão se organizando para garantir a aplicação da Lei Maria da Penha e para melhorar os Serviços de assistência a mulheres em situação de violência. (CREPOP. Referências Técnicas para atuação de psicólogos(as) em Programas de Atenção à Mulher em Situação de Violência. Brasília, fevereiro/2013, 1ª Edição pg, 23)

A partir da pesquisa das histórias e a composição dessas histórias em uma narrativa coletiva leva a concluir a importância das redes de apoio, podendo assim entender que o fortalecimento das redes de proteção e apoio, possa ser essencial e importante nesse processo de existência dessas mulheres.

Sobre as Redes de proteção e Apoio, a principal rede de apoio as mulheres que sofreu violência doméstica ou qualquer outro tipo de violência, é rede sociofamiliar, composta pelos familiares e pessoas que são amigas da mulher. A segunda rede que é de suma importância nesse processo, são os serviços especializados e não especializados, e a União entre as mulheres, torna mais forte e representada para poder lutar contra qualquer violação de direitos e assim, resistir às dores e voltar a existir em vida.

Embora a lei exista desde o ano de 2006, alguns municípios enfrentam bastante dificuldade para a sua execução. Devido os profissionais dos serviços públicos enfrentarem dificuldades, que aparecem de diversas ordens, foi mencionada a importância de melhor qualificação para o atendimento ao público feminino, na direção de estarem à frente das redes de proteção às mulheres vítimas de violência doméstica. Assim sendo, tais serviços se tornarão mais eficazes nesses atendimentos.

Podemos hoje contar com vários serviços que se encaixam a esse tipo de atendimento, quando as vítimas de violência buscam ou são orientadas a buscar

esses mecanismos de ajuda e amparo, ou, até mesmo são encaminhadas a esses serviços. Ao falar a história de Carmem observamos que não temos essas informações, devido a falta do fortalecimento em políticas públicas, como mencionada na pesquisa realizada com psicólogos(as). Hoje a Lei de número 11.340 Lei Maria da Penha, pode contar com esses serviços.

Os serviços especializados como os Centros de Referências da Mulher, os serviços de saúde voltados para o atendimento aos casos de violência sexual e doméstica, as casas abrigos, os núcleos da mulher nas defensorias públicas os juizados de violência doméstica, as delegacias especializadas etc. E pelos serviços não especializados, que são portas abertas para as mulheres em situação de violência, que são os Hospitais Gerais, as Unidades Básicas de Saúde (UBS), as Delegacias Comuns, a Polícia Militar e Federal, os Centros De Referência de Assistência Social/CRAS, Centro de Referência Especializados de Assistência Social/CREAS, o Ministério Público, entre outros.

Lembrando, que é importante e fundamental, conhecer a realidade de diferentes municípios que hoje podem contar sim com as redes de proteção e amparo às mulheres vítimas de violência doméstica. E olhando a realidade de Carmen, podemos comparar com o cenário atual algumas mudanças dentro da lei Maria da Penha, que hoje as vítimas de violência doméstica podem contar com diferentes atendimentos voltados a essa demanda.

A violência contra a mulher é uma infração aos direitos fundamentais do ser humano, além de ser uma transgressão aos tratados internacionais. Isso exige a atenção do profissional de Psicologia nas políticas públicas de atendimento. (CREPOP. Referências Técnicas para atuação de psicólogos(as) em Programas de Atenção à Mulher em Situação de Violência. Brasília, fevereiro/2013, 1ª Edição pg,34)

Como um fenômeno complexo e multifacetado, a violência contra a mulher exige uma compreensão e intervenção multidisciplinares. Aqueles que trabalham no setor estão habituados a um cotidiano em que se misturam as práticas de equipes multiprofissionais e setoriais, entre elas, as áreas da saúde, do serviço social e do judiciário. Nenhum serviço isoladamente provê justificativas para as questões envolvidas nessa problemática. O principal desafio também tem sido a articulação em rede dos diversos serviços públicos para atender as demandas das usuárias. (CREPOP. Referências Técnicas para atuação de psicólogos(as) em Programas de Atenção à Mulher em Situação de Violência. Brasília, fevereiro/2013, 1ª Edição pg,46)

PESQUISA REALIZADA PELA DATAFOLHA E FÓRUM BRASILEIRO DE
SEGURANÇA PÚBLICA

Perfil da vítima

Violência tem maior prevalência entre jovens,
negras e separadas

Violência por estado civil:



Violência por cor:



Violência por idade:



Fonte: Instituto Datafolha e Fórum Brasileiro de Segurança Pública



Infográfico elaborado em: 07/06/

Fonte: (PAULO, 2021).

3 ESCRIVIVÊNCIAS NA PERSPECTIVA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

O fundamento do método da escrevivência, tem suas raízes nos povos africanos escravizados no Brasil. Escrevivência toma como referência tanto a riqueza quanto a dor das mulheres na “casa grande”. Essas mulheres estavam inscritas na economia da escravização, seus corpos produziam trabalhos, eram fontes de renda, de riqueza, assim como também suas palavras. As palavras dessas mulheres, a partir de suas culturas africanas, vão marcar a nacionalidade brasileira a partir da construção da língua e sua africanidade. Lélia Gonzalez afirma que nós falamos o “pretoguês”, como o português falado no Brasil, e que traz marcas africanas (EVARISTO, 2021). Uma língua que se constitui a partir das misturas étnicas entre as várias línguas africanas, que chegaram no Brasil desde o período colonial, e as línguas indígenas que aqui já estavam.

Evaristo cita a obra de Gilberto Freyre, para melhor explicitar acerca da escrevivência, a partir da história da “mãe preta”. Em sua obra Freyre utilizou os diários das sinhás, que descreviam os cotidianos da casa grande e isso permitiu o conhecimento da importância das mães pretas. Essa obra sociológica brasileira divulgou o cotidiano deste período da história brasileira, de forma a produzir uma ilusão e um abrandamento da realidade da escravização, sugerindo que as relações entre Senzala e Casa Grande eram cordiais e democráticas; uma democracia racial, enquanto uma especificidade dos processos escravocratas brasileiros, o que nunca deixou de ser uma falácia (Idem).

O próprio termo escrevivência veio dessa mãe, que traz em seu corpo escravizado, base da economia de produção agrária, na economia do prazer, que tinham seus corpos tomados pelos senhores, um lugar de memória. Criou-se um imaginário em torno da mãe preta, um imaginário que perdura até os dias atuais. Quando se discute o racismo no Brasil, alguns brancos dizem não serem racistas, pelo simples motivo de terem tido uma babá negra, ou uma empregada negra. Esses são os resquícios do mito da democracia racial, que não exime a branquitude (Carone e Bento, 2002) de sua relação racista com a população negra na contemporaneidade.

Conceição Evaristo (2021) acredita que a mãe preta não foi uma presença passiva. Essas mulheres foram as primeiras contadoras de histórias dentro da casa branca, cuidando da prole colonizadora. Quando essas mulheres levavam as crianças da casa grande para o quarto, para colocá-las para dormir contando histórias, nesse

momento, Evaristo percebe um trabalho que possui uma singularidade: “As nossas histórias não são para o adormecer da casa grande e sim para acordá-los dos seus sonhos injustos” (Idem).

O conceito de escrevivência, é fundamentado na realidade das mulheres escravizadas, que antes tinham a obrigação de contar histórias para o adormecer da casa grande, hoje podem exercer uma escrita que cria liberdade e autonomia, de modo a fortalecer as mulheres negras que precisam falar.

Hoje busca-se a liberdade de contar as próprias histórias, de modo que a escrevivência não se torne uma auto ficção ou escrita de Si, pois o texto não se esgota em si mesmo, tão pouco no próprio sujeito, numa autoria, ele não é individualizado. Na escrevivência, mesmo que o sujeito de enunciação seja em primeira pessoa, trata-se de uma enunciação coletiva.

Evaristo traz três conceitos para explicar melhor o modo de enunciação da escrevivência a partir da constelação de três espelhos, de três modos de expressão de si: o conceito do “ego”, que é a elevação do sujeito, o mito do narciso, que é aquele que se contempla, se apaixona por si próprio e se perde. É a procura e a perda, o espelho que não reflete nosso rosto, reflete uma beleza em que os outros corpos não são considerados como belos. (Idem)

E quando percebemos essas características nos alimentamos daquilo que somos capazes, quando passamos a compreender nossa própria subjetividade, vemos um outro espaço e quando nos vemos em um espaço individualizado, passamos a contemplar um outro espelho, um espelho que nos coloca em relação com a nossa comunidade. (Idem)

O espelho de Oxum nos fortalece, revela nossa subjetividade de tal forma que nós somos capazes de uma outra forma de relação com a nossa subjetividade, nossa comunidade. O último espelho é o espelho de lemanjá, que é o espelho que nos coloca em relação com o outro, aquele que conecta, que erotiza as relações, que ultrapassa o si enquanto individualidade, e nos põe em relação-com. E é a partir desses entendimentos que podemos fazer a nossa escrevivência, contar a história que não é resumida a uma só pessoa, mas ao coletivo. A escrevivência ultrapassa a concepção individual de si para compor outras ontologias, outras relações especulares, os espelhos ampliados da subjetivação de Oxum e o conectivo e trans subjetivo de lemanjá.

Falar de si já não é fácil, mas ao mesmo tempo que pensamos não ser fácil, torna-se fundamental pelo fato de que hoje podemos refletir em saber que muito já conquistamos até aqui. Conquistamos o direito ao voto, o direito a estudar, esse direito que pela tradição patriarcal não nos era permitido. Hoje podemos sim ter o lugar de fala, voz e vez. Direito esses que muito me orgulho, pois, diante de tantas histórias vividas e vivenciadas, tivemos o direito de conquistar o mundo, através do conhecimento.

É característico da escrita de Evaristo, descrever momentos, momentos revividos em memórias, que são trajetórias que compõem a sua literatura. Esse modo de escrita nos mostra que o conhecimento e o saber, são construídos, também na vivência. Vivências, que com o rigor estético de Evaristo produzem escrevivências. Esse também é um conhecimento, que não é um conhecimento acadêmico, científico, mas um conhecimento empírico, que traduz o que são as escrevivências na perspectiva da Conceição Evaristo.

A História das negras e dos negros no Brasil, localizada no interior de um sistema de forças coloniais que caracterizaram e ainda caracterizam a constituição identitária do país, ocupa uma posição subalternizada em relação às narrativas sobre conhecimento, foram escravizadas no Brasil durante o período colonial e imperial (1500 - 1888), atribui-se a contribuição à formação de uma Cultura Brasileira na forma da transmissão oral, o que incluiria ditados e provérbios, personagens folclóricos, bem como aspectos ligados às artes, à religião ou à culinária. principalmente quando analisada a produção escrita nacional. Às pessoas africanas que (Soares, Lissandra Vieira & Machado, Paula Sandrine. (2017)

No contato com as suas escrevivências (Evaristo, 2016) pude perceber e sentir o quão potente é essa força e garra de Evaristo, dando suporte à população que é negra e potencializando as mulheres para que deem visibilidade em suas escritas através das suas vivências. Saindo um pouco do sofrimento que a sociedade impõe, com os apontamentos e falas discriminatórias, como por exemplo: as mulheres negras, pelo fato de serem negras, ao se expressarem são vistas de forma inadequada: ou como más, ou de sexualidade perigosa, ou loucas, entre outros.

A escrevivência de Conceição Evaristo é a própria história escrita e a escrita de outras mulheres negras em forma de ficção. Segundo Evaristo a escrevivência é uma escrita que está colada à nossa vivência, seja ela particular ou coletiva (Silva et all, 2019).

Assim venho trazer a história de Carmem através da escrevivência para que possamos juntas nos fortalecermos, nos encorajarmos, tanto em atitudes como em pensamentos, para que outras mulheres possam perder seus medos partindo para uma perspectiva emancipadora e possa levá-las a buscar sentido e inclusão no que é dito conhecimento intelectual, já que é um campo ainda distante para a realidade vivida pelas mulheres negras.

“A escrevivência] seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de escrevivência” (EVARISTO, apud SILVA, et al, 1029, p. 110).

Isso se dá por exemplo na vida das mulheres negras que são maior número nos quadros em serviços domésticos e mães solas com carga horária triplicada Pesquisa realizada pela Datafolha e Fórum Brasileiro de Segurança Pública (PAULO, 2021). O que impede o acesso à educação de qualidade que traduz nitidamente a dificuldade da escrita no processo acadêmico.

Essa posição de emancipação que reitero é o lugar que aproxima e que dará sentido e identidade ancestral para a população negra, com uma escrita em que elas se vejam tendo como reconhecimento e autonomia da sua própria história saindo do campo da narrativa de sofrimento caminhando numa direção do rompimento da educação bancária e europeia, segundo (SANTOS, 2018, p. 129). É imprescindível a produção de pesquisas que confirmem reconhecimento e visibilidade à história intelectual das mulheres na Diáspora Africana nas Américas e no Caribe, como sujeitos políticos, face às distintas dinâmicas sociais e lutas históricas que permeiam as condições de vida e status das populações afrodescendentes nestas regiões; e em particular, atravessadas pelo racismo e suas intersecções com gênero, classe, sexualidade dentro de outros sistemas de dominação que insira a realidade da população negra.

Costa afirma que:

"reinventando nossa realidade independente dos estados de coisas referentes, podemos torná-la ainda mais real, mais complexa, densa e intensa ao intrincar suas tramas com novas possibilidades de relação. A

ficção faz mundos onde a confiança ultrapassa a fidedignidade sem perder realidade" (COSTA, 2014, p. 553)

Melo e Godoy (2017) reconhecem a ficção como um modo de resistência presente na escrevivência evaristiana, ao passo que, na escrita, pessoas submetidas a situações de crise, podem encontrar modos de transpor os revezes e seguir existindo. Acrescenta: "o que veremos é que resistir por meio da literatura é também reexistir, e para um povo cuja voz foi e é constantemente sufocada, a escrevivência se torna um recurso de emancipação." (Idem).

É através dessa ficção, partindo da realidade de "Carmem", que a resistência por meio da literatura passa a existir, assim como a escrevivência que, neste contexto, pode se tornar uma ferramenta fundamental para escrita de tantas outras mulheres, buscando seus espaços e reconhecendo como um lugar de direito também.

A ficção como ferramenta de construção coletiva de narratividade parte do princípio de uma realidade que não é de uma só, mas de tantas milhares de mulheres, incontáveis vivências, que quando contadas tornam-se territórios para outras mulheres. Então, é através desses esclarecimentos oferecidos por Conceição Evaristo, que se construiu a experiência de uma mulher outra, outrada, chamada Carmem. Ela mora numa cidade do interior de Goiás, teve seus direitos violados por um homem patriarcalista, com pensamento e posicionamento machista. Ela conta sua história em que seus direitos não foram respeitados, em que a violência foi saindo do invisível para o visível em uma processualidade. Carmem é mais que uma, são muitas.

4 ESCREVIVENDO COM CARMEM

Sou uma mulher negra, alta, de cabelos pretos encaracolados, tenho 40 anos, venho da simplicidade, criada na humildade, contudo vivo a sonhar, esperança nunca me faltou diante do objetivo que sempre almejei e desejo conquistar, esse mundo não é brinquedo não, mas são os desafios que me submeteram a continuar sonhando e buscando. Sempre gostei de viajar, conhecer pessoas, fazer novas amizades, foi um dos meus melhores prazeres de vida.

Tenho bastante facilidade em dialogar e expressar com pessoas, isso de uma certa forma incomoda também, mas desperta um certo interesse entre tantas outras pessoas, dançar me faz muito bem, brincar, festejar, o negócio é aproveitar cada momento que a vida me oportuniza como se fosse o único a viver, sendo assim, sempre busco aproveitar da melhor maneira possível sem medo algum, venho contar um pouco mais da minha história.

Tinha um sonho de um dia poder ter acesso a uma formação de nível superior, mas via isso distante da minha realidade pois, devido à condição social a qual pertencço, meus pais nunca tiveram condições financeiras para me bancar e bancar os demais irmãos um estudo de qualidade. Mas, nem por esse motivo deixei-me levar a desistir dos objetivos, então continuei estudando mesmo enfrentando as dificuldades no convívio familiar.

Logo ao adentrar no ensino médio, um passo próximo de conseguir iniciar minha primeira graduação, com os meus 17 anos de idade, descobri que estava grávida. Eu pensava em ser mãe um dia, mas em momento algum imaginei que seria tão cedo, mas pouco a pouco a ideia de ter um bebê ia se tornando mais amadurecida em mim. Logo de início, o pai do meu filho não quis honrar com a sua responsabilidade e eu acabei sendo mãe solo, contando com o apoio dos meus amigos mais próximos.

Então, fui vivendo esse momento, e os anos foram se passando, alguns momentos bons outros ruins, mas difíceis também com meu filho, mesmo assim continuava com a ideia de um dia encontrar alguém e até mesmo me casar, e via isso uma impossibilidade, devido pensar que por ter um filho, talvez homem nenhum iria querer relacionar-se comigo. Meus dias eram felizes com meu filho, mas sabia que seria importante e também poderia ser mais feliz ainda tendo uma figura paterna ao meu lado, que pudesse somar em nossas vidas e um possível pai para o Antony Fernando, meu filho.

Em momentos de diversão gostava de uma boa festinha, amava dançar, tomar uma cervejinha também fazia parte dos meus dias de distração. Em um determinado dia resolvi dar uma voltinha pela cidade, indo a um barzinho resolvi me sentar e pedi uma cerveja, observando a mesa ao lado, havia um homem muito elegante que não tirava o olho de mim, eu toda desconcertada ali sozinha, um pouco trêmula, percebendo os olhares e gestos dele, não esperava atitude alguma, quando de repente se levantou e dirigiu-se até a minha mesa e disse: “Senhorita! Por acaso você pode me conceder a honra de sentar-me aqui e lhe acompanhar em uma garrafa de cerveja?”

Como já havia despertado um certo interesse também, por algum motivo que na hora não sabia qual seria, respondi: “sim! claro, por que não?”. Talvez por perceber que ele aparentemente seria um homem encantador, romântico, não muito atraente, mas educado, atencioso e bastante prestativo, começamos um belo papo, falava ele sobre sua vida, seus planos e projetos para o futuro, passamos uma tarde inteira conversando, entre copos de cervejas e taças de vinhos, foi uma tarde inesquecível.

Sáimos várias vezes, conversávamos praticamente quase todos os dias por telefone, até que um dia ele me pediu em namoro, e aceitei, pois não via motivos para não aceitar, até porque devido tudo que havia passado em minha vida, ainda tinha as dificuldades para criar um filho sozinha, quis arriscar-me em um novo relacionamento.

Vivia em um ambiente bastante agradável onde não me faltava afeto, amor, carinho, uma casa cheia de risos e pessoas esperançosas, inexplicáveis, mas acreditava que era a hora de sair de casa e tentar um novo rumo, devido ter conhecido o Gilson, o homem que mesmo tendo encontrado em um barzinho, e ter acesso a minha realidade incluindo assim na história a existência do meu filho, ele me quis e aceitava o meu filho como se fosse seu também.

Resolvemos nos casar, eu já estava perdidamente apaixonada por ele e me fez acreditar que também me amava. Foram momentos bons, dias intensos, devido seu cuidado para comigo e em especial com o meu filho, não via nada de anormal nesse relacionamento, e até por momento outro, acreditava que tinha de verdade encontrado o homem da minha vida e que seria meu companheiro até o fim.

Por muito tempo eu apenas pude enxergar as rosas dentro do nosso relacionamento, mas passaram alguns anos, os espinhos foram aparecendo. Até que eu pude perceber o quanto estava sendo usada nesse relacionamento, já tinha perdido muitas coisas: minha autoestima, minha dignidade, meus amigos, minha

família, inclusive a minha casa, que vendi por influência daquele sujeito, que me fez acreditar que eu estava fazendo a coisa certa. O dinheiro da venda da casa, acabei transferindo tudo para ele e passamos a morar de aluguel: ele, meu filho e eu.

Gilson, tinha o hábito de sair do serviço ao final de cada expediente todos os dias, passava em um bar, tomava suas pingas antes de chegar em casa, e já sabendo, que quando chegava em casa, me encontraria chateada devido seu comportamento nada agradável e que tirava minha paz, colhia umas rosas em um jardim no caminho de volta para casa, entregava-me com um sorriso no rosto e logo entrava para o banho, eu toda boba sempre me derretia ao seus encantos e achava que ele era maravilhoso, e que quando chegava irritado, era apenas cansaço por excesso de seu trabalho.

Sempre que chegava perto do horário dele chegar do trabalho, eu tinha o costume de arrumar-me para esperar, tomava aquele banho, colocava uma roupa atraente, e toda perfumada e produzida aguardava-o chegar com um delicioso café quentinho e um belo jantar, e já com uma enorme vontade de fazer amor, por sentir sempre a necessidade de ser amada e reconhecida. E por diversas vezes não acontecia conforme esperava, pois ele já chegava embriagado e somente jantava e ia dormir.

Mas quando acontecia, era a transa perfeita, me sentia realizada, e pensava que de fato não encontraria outro homem que iria me satisfazer na cama e que faria as coisas que ele faria comigo. A gente brigava, mas logo em seguida aconteciam as transas, e eram as melhores, parecia ter mais amor, mais pegada, a gente fazia cada loucura que ficavam marcadas.

Viajávamos em função dos serviços dele, e no percurso sempre dávamos um jeito de parar, independente do lugar, da estrada, a gente parava e fazia cada loucura, as fantasias que vinham a nossa cabeça, sempre procurava uma maneira de realizar e era muito bom. E era assim que aconteciam nossos momentos amorosos, em que me pegava e acreditava que existia amor, sem se dar conta do lado abusivo até por que ainda eram flores.

Ao me casar com Gilson, fui praticamente proibida de estudar, estava no quinto período da graduação de engenharia agrônoma, quando fui obrigada a trancar o curso, ele era ciumento, desconfiava de tudo e todos. Eu tinha muita vontade de retomar os estudos, mas eu tinha que escolher ou continuava casada ou largava dele e voltava a estudar. Mas isso tornava tão difícil para mim tomar essa decisão, mesmo

sabendo o que queria naquele momento, não conseguia resolver essa situação e seguir adiante. Quando tocava no assunto: estudos, ele já se irritava e começava a me xingar e chantagear, em seguida já vinham as discussões e agressões.

As festas que tanto gostava de frequentar, fui proibida de ir, e quando ia era acompanhada dele. Dançar já não fazia mais sentido para mim, pois só poderia dançar se fosse com ele, e nem sempre isso acontecia, porque quando chegava a festa preferia ficar sentado bebendo cerveja e eu tinha que ficar ali quietinha para evitar constrangimento.

Após 15 anos de casamento, quando já me preparava psicologicamente para uma possível separação, devido não aguentar mais viver daquela maneira, resolvi me separar dele, já decidida a retomar a faculdade e concluir meu curso, a profissão que sempre sonhei ter um dia, comecei a sentir um mal-estar e fui procurar um médico, assim descobri que estava grávida. Meu mundo desabou, chorei horrores em pensar que tinha que suportar tudo por mais tempo. Pois se com um filho já enfrentava dificuldades, imagina só com dois, onde iria parar, meu Deus? Ficava eu a me questionar cheia de aflições.

Por não conseguir cuidar da casa e do meu filho sozinho, Gilson colocou uma empregada doméstica para facilitar e me ajudar, mas em consequência de suas agressões para comigo, raramente parava alguém no emprego, pois ele não respeitava ninguém, e sempre que chegava do trabalho todo estressado não pensava duas vezes para me agredir. Loren, uma das empregadas ao ver ele me batendo, entrou no meio da briga pedindo para que parasse, mas ele continuava a me bater. Meu filho assustado, chorava no canto da sala ao ver toda aquela cena. Loren, não sendo ouvida por Gilson, e muito mal com a situação se demite no primeiro dia de trabalho.

Eu acreditava na mudança, por sempre ter esperança e acreditar em dias melhores, porque ele sempre pedia perdão pelo ocorrido, então acabava perdendo. Para tentar driblar as tristezas, erguia minha cabeça, colocava a melhor roupa, uma boa maquiagem e saía pelas ruas afora como de costume, mas também fui privada disso por ele e não poderia ir a casa da minha mãe por que ele não deixava, não gostava nem que conversasse com a minha própria irmã e afirmava que “quem casa quer casa! E não casa de parentes”. Tudo isso ia acontecendo e quando ele falava eu achava estranho, às vezes até discutia com ele, mas depois acabava concordando com ele e aceitando suas decisões.

Passaram-se uns dias contratamos uma outra funcionária para casa, que me fazia companhia e cuidava do meu filho muito bem, as cenas de agressão voltaram a persistir, eu já cansada e com enjôos constantes não podia em hipótese alguma me queixar disso a ele, e quando falava alguma coisa, ele já vinha logo com tom de voz alterado, dizendo que já estava cansado de ouvir minhas reclamações. Eu ficava a pensar, porque tudo aquilo acontecia comigo, cadê o homem carinhoso e com todas as características que tinha quando o conheci?

Um determinado dia, quando já estava no quinto mês de gestação do nosso filho, Gilson chega do trabalho, eu já com a mesa posta para o jantar, fui ao seu encontro para abraçá-lo, ele logo me empurrou e entrou para o banho. Quando sai do banho dirige-se a mesa, onde estava eu, meu filho e a empregada esperando para jantarmos juntos, mas ele já estava estressado e já descontando toda sua raiva, começa a reclamar da comida, falando que estava sem sal e que eu não sabia cozinhar, que eu não prestava pra ser dona de casa.

Logo começava a chorar, pois durante a gravidez sempre ficava muito emotiva, saí da mesa e fui para o sofá da sala, ficando por lá e já com dores no baixo ventre da barriga comecei a estranhar, logo ele veio em minha direção e começou a me humilhar e proferir palavras de baixo calão e fazendo de tudo para que eu viesse a me estressar e saísse do controle, porque todas as vezes que ele começava a brigar comigo eu não ficava calada e partia pra cima dele, mas como já estava muito mal só continuei quieta.

No dia seguinte ao final da tarde quando ele chegou do serviço que entrou no banho deixando o celular em cima da cama, quando passava por perto para poder pegar a toalha para ele, vi a luz do celular acender e apagar. Por curiosidade peguei o celular, vi que era mensagem de uma mulher falando que foi incrível passar o dia inteiro com ele e comecei a chorar descobrindo uma possível traição. Logo que saiu do banho já foi perguntando o porquê de estar daquele jeito, foi aí que falei que ele poderia explicar melhor e já mostrando o celular para ele, que já foi logo tomando o celular a força da minha mão e todo irritado dizia: nunca mais mexa no meu celular, tá beleza?

Daí começamos uma outra discussão, ele irritado falava que era colega de trabalho. Eu falava que não via o porquê de todo nervosismo já que era só uma colega, ele começou a me xingar e me bater na frente do meu filho, quando a empregada tentou separar ele deu logo um empurrão nela e começou a me chutar e chutar minha

barriga, me bateu e me deu várias quedas, tentava proteger o bebê que estava na barriga, mas de nada adiantou, ele me bateu tanto que fui parar no hospital, devido ter tido um desmaio na hora das agressões. A funcionária da casa, que era minha colega também, e me acompanhava todos os dias, conseguiu sair correndo e pedir ajuda, mas ninguém a ajudou.

Logo ele mesmo, como se nada tivesse a ver com o ocorrido, me pegou colocou no carro e foi levar para o hospital, e na estrada já alertava a empregada a dizer que eu teria caído da escada e me machucado, e que se ela falasse a alguém a verdade, ele a matava. Então assustada e com bastante medo só confirmou a fala dele ao médico, chegando na emergência do hospital da cidade, toda machucada e ainda desacordada, foram realizados diversos tipos de exame, e na ultrassonografia constatando a morte do bebê, mas o hospital já ficou em alerta devido o marido estar nervoso e desconfiado.

Quando o médico me falou da perda do bebê, caí em prantos, mas ao mesmo tempo até pensava que poderia ser mais um sinal de Deus para que eu pudesse sair desse relacionamento e seguir minha vida, me salvar desse pesadelo, não gostava nem de imaginar, pois era bastante difícil acreditar que o próprio pai do meu filho havia tirado a vida de um bebê indefeso, mas que para ele não afetava em nada, continuava como se nada estivesse acontecendo.

Por diversas vezes, pensava o quão difícil seria continuar esse relacionamento e só por causa de um filho, sendo que já tinha um e me segurava nesse relacionamento, devido às condições financeiras, não podendo sair para trabalhar. Gilson dava de tudo para mim e meu filho, mas outro filho e todo esse sofrimento, só me traria mais sofrimento ainda, não que meus filhos seriam um problema, mas o relacionamento em si já era um problema e sofrimento só aumentaria.

Os dias se passavam e cá estava ele novamente com as agressões, era agredida com mordidas, socos, tapas, murros, enforcamentos, todos os dias isso se repetia, na verdade já fazia parte de toda minha rotina. Fazia isso, mas no dia seguinte pedia perdão, falava que me amava e eu simplesmente a perdoava. Durante 17 anos vivia eu calada e sem que ninguém soubesse do que ocorria entre nós, continuava no sofrimento e sem coragem de pedir ajuda. Tentei suicídio três vezes, sofri calada o tempo todo, e só após esse tempo que resolvi compartilhar com algumas pessoas, ou seja, procurar ajuda, pois já não aguentava mais tanto sofrimento.

Tive ajuda de alguns profissionais do hospital que me atenderam no dia em que perdi meu bebê, pois sabiam o real motivo da perda dele, estava tudo bem claro para eles, cada marca em meu corpo, as que estavam visíveis e as que estavam no interior, mas bem claras no olhar. Como o sigilo faz parte do profissionalismo, eles já haviam acionado a polícia militar e relatado o fato ocorrido, e depois me orientaram a buscar ajuda e como buscar essa ajuda, me dando todo suporte necessário.

Como se já não bastasse o medo de falar a alguém de tudo que passava e sofria durante esses 17 anos, quando abri minhas redes sociais visualizei uma reportagem de um fato ocorrido mais ou menos parecido com minha história de vida, só que diferente de mim, a mulher vítima de violência doméstica que aparece na reportagem, teve coragem não só para denunciar seu agressor, como também publicar em vários sites de notícias, forneceu entrevistas para jornais. Mas não sabia a dimensão que repercutiria essa história, e sobre os comentários de mulheres que poderiam estar apoiando umas às outras, apenas criticavam e julgavam.

Ao ler cada comentário naquela reportagem, dentre eles boa parte que apareciam eram de mulheres, apenas criticavam a mulher que havia sofrido violência doméstica, eu fiquei simplesmente horrorizada, comentários do tipo bastante estereotipados e enraizados pela humanidade, como por exemplo: “Ah! ela apanha por que gosta de apanhar”, “se não deixa dele é porque é sem vergonha”, “mulher vagabunda merece é apanhar mesmo e sofrer também”, porquê que ela não largou dele e foi embora”. Dentre outros comentários, isso dificultou-me sentir à vontade para dividir a princípio, porque via ali como as mulheres responsabilizam as outras das agressões que elas vivem na maior parte das vezes

Vivi por cerca de 22 anos esse relacionamento, sendo que durante 17 anos desses, lutava com a esperança de mudança, acreditava que um dia tudo isso iria passar e ficaríamos bem. Como se não bastasse sofrer as agressões que partiam do meu companheiro, ainda era agredida pelas suas amantes nas ruas, me viam na rua e já começava a procurar confusão, devido não dar ouvido a elas, vinham para cima com agressões verbais e até mesmo agressões físicas.

Então quando consegui contar para essas pessoas as quais eu, de fato confiava. Uma delas me orientou a buscar ajuda na delegacia da mulher da cidade e me falou sobre a lei Maria da Penha, a qual eu não sabia de sua existência e muito menos o que era, então foi falando pouco a pouco da lei me orientando e me dando forças a continuar, citando o seguinte artigo da lei para melhor esclarecer:

De acordo com o Art. 2º da lei Maria da Penha:

“Toda mulher, independente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social.”

A lei Maria da Penha fez-me enxergar a vida de outra forma, fazendo com que tomasse um rumo diferente em minha vida, percebi que não estava só e que precisava de ajuda para me libertar daquela prisão na qual estive por tantos anos. Mesmo me sentindo envergonhada, com o incentivo da pessoa que me apresentou aos meus direitos a partir da Lei Maria da Penha, passei a procurar as devidas formas de denunciar o homem que tanto me machucou, com agressões físicas e psíquicas, dessa forma fazendo me sentir menos valorizada.

Prometi pra mim mesma que essa seria última vez que ele teria me agredido. Com ajuda e suporte de uma amiga, fomos até a delegacia da mulher da minha cidade que ficava localizada no mesmo prédio da polícia civil e, abri um Boletim de Ocorrência (B.O.) contra ele, tendo em vista que ainda estava bastante machucada e possuía marcas roxas pelo corpo, e também a comprovação maior que foi a perda do bebê. Foi solicitado o exame de corpo de delito e a polícia militar foi em busca de Gilson, meu companheiro, para uma possível prisão, porém não encontraram.

Todo esse processo foi bastante difícil de absorver, a perda do bebê e como ocorreu, dói demais dentro de mim, o homem que amava e que me trazia flores todos os finais de tarde, não dava para acreditar que teria sido tão cruel comigo e com nosso filho, eram vários reflexos um segundo outro, foram várias noites em claros aos prantos e com fortes dores tanto físicas quanto psicológicas.

Tendo que sair de casa devido morar de aluguel e não podia continuar ali até porque não tinha como pagar o aluguel, solicitei apoio da delegacia da mulher da cidade um possível lugar para que eu pudesse ir, como uma casa de apoio à mulher vítima de violência doméstica, pois fui informada desse direito que possuía dentro da lei Maria da Penha, mas não obtive resposta positiva por parte da delegacia, devido morar no interior de Goiás, dificultando assim o acesso até a capital, solicitei também policiamento, por medo do meu ex fazer alguma coisa, devido ter me ameaçado de morte.

Passei pelo exame de corpo de delito acompanhada pelos policiais militares de plantão naquele dia e por uma amiga que sempre esteve comigo ao meu lado, foi bastante difícil. Além de passar pelo profissional que realizava o exame do corpo de delito, também tive que passar pelo psicólogo do local e também assistência social, tendo eu que repetir a mesma história que já havia dito no hospital, delegacia, e ainda no IML e, cada vez que falava provocava uma dor imensa e as lágrimas não cessavam em sair escorrendo pelo rosto.

Após um ano, recebi a intimação para participar de uma audiência no fórum da cidade, a qual foi determinada a punição para Gilson, meu ex-marido, que seria o pagamento de cestas básicas durante um ano para para uma instituição, prestar serviços comunitários. Foi punido pelas calúnias e difamação, e outras punições descritas dentro da lei Maria da Penha. Porém não foi preso.

Fomos morar na casa de uma amiga, devido ter ficado sem teto e não queria de forma alguma retornar para casa dos meus pais, por medo mesmo até dos julgamentos e apontamentos. Não me encontrando bem psicologicamente e ainda com marcas pelo corpo, quis evitar para não piorar mais esse momento tão difícil na minha vida. Tive muita gratidão pelo suporte oferecido por parte dessa pessoa que foi um anjo em minha vida e quando só sabia chorar e imaginar que minha vida não possuía sentido algum, ela vinha e me levantava e falava a importância que eu tinha além da vida do meu filho, tinha outras pessoas que me amavam e ainda mais ele que dependia muito de mim.

De pensar que antigamente muitas mulheres que sofriam violência doméstica de seus companheiros, não podiam sequer pedir socorro a alguém ou até mesmo comentar que sofria esse tipo de agressão, pois eram mal vistas, e sofriam com os comentários maldosos da sociedade, por ter que aguentar calada e saber que era comum e normal apanhar e ficar calada, obedecer a seu companheiro, ou seja, ser sempre submissa a ele.

Nos dias atuais, mesmo existindo os pré-julgamentos e apontamentos da sociedade, nós mulheres temos a quem recorrer e clamar por socorro e reivindicar nossos direitos através da Lei que nos ampara, através dos conhecimentos e orientações que existem hoje, podemos assim recorrer a delegacia da Mulher e outras instituições que podem intervir nessa situação, dando suporte e encaminhando a lugares que nos ajude a resolver essa situação tirando do risco.

O apoio e união entre as mulheres, têm um impacto muito forte e positivo, podendo assim fazer com que se sintam amadas e reconhecidas como mulheres, guerreiras que mesmo carregando as marcas da violência conseguem se sentir vivas e amparadas pelas outras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a realização deste trabalho propiciou conhecer de forma um pouco mais aprofundada como se dá esse processo de reviver e, podemos perceber, algumas mulheres tiveram a oportunidade de ter um acompanhamento profissional, o que é bastante fundamental para melhoria do bem estar emocional, mas podemos perceber também que através de outras pessoas e suportes assistenciais podemos nos fortalecer e sentir como uma forma de continuar vivendo.

Para conseguir lidar com as dores e emoções, é necessário que se saia desse lugar adoecido e atingido, mas para sair precisamos de fato querer e tentar sair, mesmo sendo dolorido e difícil. Com suporte e auxílio de alguém, podemos direcionar nossas dores e pensamentos e com um olhar ampliado e menos privado conseguir sair do estado de sofrimento e do ambiente que de uma maneira tão ruim nos fez adoecer.

É importante destacar que, o suporte e atenção de outras mulheres é fundamental para o fortalecimento da classe, podendo assim mostrar um novo rumo através da história para poder caminhar. Isso foi bastante essencial nesse processo pois, Carmem, quando não se via e nem se reconhecia como uma mulher interessante e bonita, já desacreditada de até mesmo continuar a percorrer os rumos da vida, teve o apoio de amigas que seguraram suas mãos e em momento algum as soltaram, mostrando e apresentando seus direitos assegurados em Lei e artigos da Constituição Federal Brasileira.

Além disso, mesmo não tendo em seu município as redes de proteção às mulheres vítimas de violência doméstica, ela conseguiu sair desse lugar de adoecimento através de outras mulheres e assim continuar a vida com um novo olhar e nova perspectiva de vida.

Vários autores apontam que a violência é fruto da desigualdade de gênero, sendo esta naturalizada pela cultura, sendo visível na sociedade esses acontecimentos, portanto perpassa diversos contextos e está enraizada nas pessoas que cometem os atos violentos e também em muitas mulheres que se encontram nesta situação de, alta vulnerabilidade social tendo em vista que na maioria dos casos existe a dependência financeira, e acabam com tendo dificuldade para sair desse relacionamento, e ainda ter que procurar ajuda para conseguir se livrar. Dessa maneira, torna-se bastante difícil ter autonomia por parte dessas mulheres.

A violência não ocorre só no convívio familiar ou no espaço restrito ao casal, pois ela ocorre também em diferentes espaços da sociedade, de forma que podemos ver, ou seja, visível para a sociedade e de forma que não detectamos, tornando assim invisível. A sensação ter visto e acompanhado esses relatos no Youtube, no primeiro momento foi de dor muita dor, devido ter que assistir a mesma história em diferentes contextos e que se repete a cada 10 minutos no nosso país. Há a sensação também de insegurança, demência assistencialista, medo, despreparo em algumas áreas de suporte quando solicitada pela mulher e, sentimos também uma profunda tristeza ao ver esses casos acontecendo, sem obter o suporte necessário e preciso por falha dos gestores, pois a falta de recursos aos municípios, dificulta bastante a implantação de redes e a contratação de profissionais para estarem atuando nessa área.

Podemos observar ainda a falha vindo de outras mulheres, no sentido de apontar e julgar a outra por sofrerem violência de seus companheiros, sem nem sequer conhecer a história e o contexto dessas mulheres. Esperava-se o apoio e o acolhimento por parte de outras mulheres, mas ficaram somente por julgar e apontar com os pré-julgamentos machistas já enraizados na sociedade.

A escrita da mulher negra é uma amostra do conceito de *escrivivência*, praticado pela escritora Conceição Evaristo em seus premiados contos e romances. Nas palavras de Evaristo, *escrivivência* “se realiza como um ato de escrita de mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz das mulheres negras tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças”. E se antes nem a voz pertencia às mulheres negras escravizadas, hoje sabemos que desde sempre os direitos das mulheres eram violados, e por demência e falta de informação, essas mulheres sofrem caladas por não poderem falar a ninguém.

Então ficam sem perspectivas de vida e, por ter os julgamentos presos à sociedade e à maneira de dizer e afirmar que a mulher é/deve ser submissa ao homem, sem afrontá-los, enfrentá-los, faziam com que essas mulheres sofressem violência doméstica sem poder recorrer a algum tipo de suporte, pois havia falta de oportunidade de estudo e conhecimento do que era ou não era direito seu e assegurados em lei.

Desta forma, o país brasileiro foi pressionado a reconhecer violência impetrada contra as mulheres e subsequente buscou efetivar os direitos destas. O marco inicial e fundamental foi a Constituição Federal de 1988, a partir de então novos mecanismos

foram criados para a consolidação de direitos como a Secretaria de Políticas para as Mulheres e a Lei Maria da Penha, a qual representa um grande avanço no combate à violência doméstica e familiar, ao responsabilizar o autor de crimes contra a mulher.

A referida lei apresenta também um caráter preventivo de violência e não somente punitivo. É importante ressaltar que os direitos no Brasil, não foram concedidos sem intensas mobilizações e busca de direitos que os pleitearam. As mulheres conquistaram muitos direitos, mas o direito a não sofrer violência ainda precisa ser efetivamente conquistado. Em algumas regiões os serviços ainda são insuficientes e falhos para atender adequadamente às mulheres em situação de violência conforme previsto nas políticas de enfrentamento.

O papel da psicologia nesse processo é bastante interessante, uma vez que a forma e maneira como devemos nos portar diante dessas situações, cabe a nós enquanto profissionais, sendo nosso dever nos qualificarmos, estudarmos, buscarmos cada dia mais aprendizado na área, e estarmos sempre por dentro e atualizados em relação às leis que asseguram e protegem essas mulheres. Como nos deixa bem claro no inciso 1 dos princípios fundamentais do Código de Ética do Psicólogo: o psicólogo baseará o seu trabalho no respeito e na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, apoiado nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Cabe a nós também, enquanto profissionais saber ouvir e acolher essas demandas, exercendo o cuidado com os julgamentos e apontamentos que, por diversas vezes o profissional não habilitado acabam por cometer esses erros até no olhar. Assim ao invés de solucionar e mostrar uma saída, pioram a situação pois, devemos escutar e propor algo que proporcione a promoção à saúde dessas mulheres, tendo que estar preparados também para receber essas demandas, através das supervisões e do autocuidado para suportar essas questões e poder desenvolver com responsabilidade e êxito o nosso trabalho.

Esperamos que os resultados alcançados neste trabalho propiciem reflexão e suscitem o interesse por novos estudos, visando adquirir novos conhecimentos sobre o fenômeno complexo que é a violência doméstica contra a mulher e a forma de reexistir, novas contribuições e alternativas de melhoria e resolução do problema levantado em questão.

De alguma maneira, a violência doméstica é uma questão da psicologia e entendemos que é uma demanda para a mesma e que precisa dos cuidados desses

profissionais. Então, o trabalho realizado e o método escolhido, ajudou a construir um modo de narrar minha própria história juntamente com histórias de outras mulheres, ampliando a maneira de escutar a dor da violência doméstica para além da minha própria dor. Dessa maneira pretendo seguir a profissão podendo escutar e ajudar essas mulheres a Reexistir.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006**, (Lei Maria da Penha). CAMPOS, Amini Haddad; CORRÊA, Lindinalva Rodrigues. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 21 jul. 2021.

CARONE, I., BENTO, M. A. S. (Orgs.). **Psicologia social do racismo**. Petrópolis: Vozes, 2002, 189 p

CENTRO DE REFERÊNCIA EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS- CREPOP, **Referências Técnicas para Atuação de psicólogos(as) em Programas de Atenção a Mulher em Situação de Violência**. Brasília, fevereiro/2013, 1ª Edição. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas-os-em-programas-de-atencao-a-mulher-em-situacao-de-violencia/>. Acesso em: 18 jul. 2021.

CERQUEIRA, DANIEL, **Atlas da Violência 2021** / Daniel Cerqueira et al., — São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf> Acesso em 22 jan. 2022.

COSTA, L., A., O corpo das nuvens: o uso da ficção na Psicologia Social. **Fractal**, Rev. Psicol., v. 26, 2014 n. esp., p. 551-576. Disponível em DOCUMENTÁRIO Mulheres Vítimas de Violência Doméstica. [S. l.: s.n.], 23 jan. 2019. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo **Canal Faculdade Fainor**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RD7VLcl0_IA>. Acesso em: 20 dez. 2021.

ESCREVIVÊNCIAS com Conceição Evaristo: Programa de Pós Graduação em Psicologia. Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, 2021. 1 vídeo (2h27m.). Publicado pelo **Canal Mulherio UFF**. Disponível em: <https://youtu.be/ehSaZiXLOvY>. Acesso em: 19 jul. 2021.

EVARISTO, C.. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2 ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016. <http://siba-ese.unisalento.it/index.php/dvaf/article/view/17900/15252>. Acesso em 22. jan. 2022.

LEITE, V. C De O., NOLASCO, E. C., Conceição Evaristo: escrevivências do corpo. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 5, 2019.

LEO Dias entrevista Pamella Holanda. [S, l.: s. n.], 12 jul. 2021. 1 vídeo (43 min). Publicado pelo **Canal Metrôpoles**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dHO2HsgR1_g> Acesso em: 20 dez. 2021.

MELO, H., F., GODOY, M. C. (Re)tecendo os espaços de ser: sobre a escrevivência de Conceição Evaristo como recurso emancipatório do povo afro-brasileiro. **Atas do V SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa**. p. 1285-1304,

2017, Disponível em <http://siba-ese.unisalento.it/index.php/dvaf/article/view/17900/15252> Acessado em 20 dez. 2021

PAULO, P. P., **Uma em cada quatro mulheres foi vítima de algum tipo de violência na pandemia no Brasil, aponta pesquisa**. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/06/07/1-em-cada-4-mulheres-foi-vitima-de-algum-tipo-de-violencia-na-pandemia-no-brasil-diz-datafolha.ghtml> Acesso em: 17 dez. 2021.

SENADO FEDERAL, SECRETARIA DA TRANSPARÊNCIA, **Pesquisa DataSenado: Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher**, novembro de 2021, disponível em https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2021/12/09/pesquisa-violencia-domestica-e-familiar-contra-a-mulher_relatorio-final.pdf Acesso em 22 jan. 2022.

SILVA, O. A., MORAIS, M. P. A., LIRA, A. C. M, B, A apropriação do corpo feminino em insubmissas lágrimas de mulheres: Narrativas de insubmissão em Conceição Evaristo, **Revista Humanidades e Inovação**, v. 6, n. 4 v. 2, 2019, disponível em <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/971> Acesso em: 02 fev. 2022.

SOARES, L. V., MACHADO, P. S., "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Revista Psicologia Política**, v. 17, n. 39, p. 203-219, disponível em 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v17n39/v17n39a02.pdf> . Acesso em: 12 dez. 2021

VIOLÊNCIA Doméstica: Relatos de Quem Já viveu a Tensão na Pele. [S. l.: s. n], 03 dez. 2016. 1 vídeo (6 min) Publicado pelo canal **Portal a Crítica**. Disponível em: <https://youtu.be/M0KYa5YDWZM>. Acesso em: 20 dez. 2021.